

BAHIA

2014

ESPECIAL

'ANTRO+

EDITORIAL SUMÁRIO

Costumo dizer: a segunda vez é uma mistura de sorte e conquista. Este é o segundo cadernos sobre o FIAC produzido pela Antro Positivo, e novamente pelo olhar e competência de Ana Carolina Marinho. Conclui-se, por fim, ser o caderno anterior um importante documento de registro e discussão. Assim, voltamos. Para quem está no festival, poderá encontrar Carol pelas ruas, pelos teatros, papéis em mãos e anotações sendo produzidas a todo instante, com seu jeito curioso e seu sorriso constante. Relacionar palavra e experiência é sempre complexo, por isso insistimos em uma escrita que coloque a relação como diálogo reflexivo, potencializando o encontro com o teatro e o outro também pela esfera do registro. Os festivais são perfeitos para isso, frente a diversidade dos espetáculos, dos artistas e valores. Então, que seja, que toque os tambores novamente, ladeiras acima e mares ao fundo. O teatro retorna a Salvador. E a Antro Positivo veste sua cores e se coloca em festa junto a Dionísio e os orixás.

textos

ana carolina marinho



0⁴ QUEM

0⁶ INÍCIO

1⁰ RESENHAS

2⁴ MEIO

2⁸ CONTINUA

3² SOBRE O FIAC

QUEM

EXPEDIENTE

COLABORADORES

editores

Ruy Filho (texto)
Patrícia Cividanes (arte)

resenhista convidada

Ana Carolina
Marinho

realização



antroexposto.blogspot.com

ANTRO POSITIVO

é uma publicação trimestral, com acesso
virtual e livre, voltada às discussões sobre
teatro e política cultural.

ALEXIS DORÉ
DANIEL TORRES
GIUSEPPE ROCA
LEONARDO
PASTOR
MARCIO LIMA
ROGÉRIO ALVES

Para comentar, sugerir pautas, reclamar, colaborar,
alertar algum erro ou apenas enviar um devaneio:

antropositivo@gmail.com

AQUI ANONIMATO NÃO TEM VEZ.
QUEM TEM VOZ, TEM TAMBÉM NOME
E É SEMPRE BEM-VINDO

AGRADECIMENTOS

A todos os funcionários do
FIAC - Festival Internacional
de Artes Cênicas da Bahia

A todos os artistas
participantes pela dimensão
e exposição de suas obras

E, em especial, a Joceval
Santana, por promover o
encontro com a revista e
acreditar, desde o início,
nessa parceria.

Ana Maria Marinho
João Paulo Marinho Dantas
Eugênio Pacelli
Cristiano Burlan
Coletivo Estopô Balaio

WING



Primeiras anotações rumo a Salvador. “Sangue na caneta”, me dizem. Sigo com esse mantra ecoando nos ouvidos. Que cada palavra se desenvolva com suor e sangue, pois. Estou na poltrona ao lado da saída de emergência e sinto um prazer muito específico quando isso acontece. Significa, de algum modo, que sou responsável por manter todos presos ou por libertá-los, caso precisemos sair, e existe nisso uma tensão que é adorável. Sentar nessa poltrona é como se me dissessem, fique atenta e em estado de prontidão. Duas das primeiras observações, ao chegar em Salvador: se ganha uma hora do dia ao desembarcar aqui e, ainda mais importante, se tem um fluxo forte de água saindo pelo chuveiro. Nas televisões de todos os lugares, fala-se sobre a falta de água em São Paulo e sempre me perguntam, e aí, como está lá? As eleições continuam sendo um assunto onipresente.



RESERVA

por
ANA
CAROLINA
MARINHO

viajou
a convite
do fiac

Salvador, 28 de outubro de 2014. Querida Jacy, Ontem encontrei você. Ou encontrei o que eu gostaria de encontrar em você. Ou encontrei aquilo que você gostaria que eu encontrasse em você. Ou encontrei a sua frasqueira que você deixou perdida no bueiro do tempo. Ou encontrei Natal, a cidade em que você encontrou o Harry. Ou melhor, encontrei Natal, a cidade em que eu deixei por não me encontrar mais. De qualquer forma, nesse encontro existiu uma parcela de obsessão, típica de quem persegue os detalhes, de quem tenta espremer toda a laranja para recolher todo o suco. Fiquei pensando que não foi você quem abriu a porta da sua casa para que eu entrasse. E, por isso, fiquei por muito tempo olhando pela fresta da janela, até entrar. Lembrei do filme de Pedro Costa, No quarto de Vanda. Nele, foi a própria Vanda quem convidou o cineasta a adentrar o seu quarto e filmar. Nele, o cineasta se afetava pela presença de Vanda, sua câmera tinha paixão pelo que capturava. Em certa medida, tudo o que vejo nesse lugar do “documental” tem, normalmente, um envolvimento prévio com o “documento”, em outras palavras, esse envolvimento acontece durante a captura ou antes. Ontem, porém, nos envolvemos apenas com o rastro que você deixou, mas que já está bem desgastado pelo tempo e pelo desuso. Mas se não passos, houveram pés! E fiquei pensando em como eles seriam. Bom, iluminaram mais ainda a sua casa, deixaram os objetos à vista. Queriam induzir o meu olhar, queriam que eu visse a frasqueira que você esqueceu no canto da casa e que foi varrida para fora quando você não voltou. Mas eu olhava era para os seus sapatos, pensando os lugares por onde eles pisaram. Pensei no quanto a sua casa deixou de ser a sua casa apenas pela luz que eles colocaram. Pensei o quanto eles remendaram a sua cortina só para cobrir o sol e não perceberam, por não lhe conhecer tão bem, que o verde é uma cor que lhe dá náuseas. A questão é que eu também não lhe conheço muito bem, mas gosto de pensar que sua cortina não poderia ser verde e que os seus sapatos, apesar de gastos, tinham a sola trocada a cada ano para evitar escorregões. Bom, encontro nisso a pulsão dessa carta. Jacy, o encontro de ontem (como todos os encontros através do “documental”) só foi possível por um indício de egoísmo, encontraram em você uma po-

tência para construir um diálogo, encontraram cores pasteis que favorecem a memória e objetos delicados que estimulam a imaginação. Enfim, encontraram em você o meio para acontecer. E acho que precisamos ter esse papo reto, para que você, entendendo o jogo e esse egoísmo necessário, não apenas compactue mas contribua para essa construção de si. Fiquei por muito tempo imaginando a película que envolve a sua vida. E que nessa edição de ontem, retiraram um tanto do que é você para construir uma Jacy que “servisse” à obra, à pesquisa e ao desejo em falar da velhice. E existe um tanto de crueldade nisso. Toda obra documental beira esse abismo da manipulação da vida entre a ética e a estética. Como não utilizar as melhores aspas? Mas ontem, o que se acrescentou de ficcional e o que se recortou do documental se fundiram e já nem interessava saber qual é qual. Pois bem, Jacy é uma realidade inventada, uma realidade que surge da colisão de outras duas (quem poderia ter sido você e quem foi você para alguns), mas seguramente nunca se chegará a Jacy que você realmente foi. Essa escapa de qualquer memória. Essa segue contigo apenas. E aí Jacy, fiquei pensando no desejo e no trabalho daqueles atores em deixar você “natural”, mas é impossível ser natural diante de uma câmera, muito menos em cima de um palco. Entendo, pois, a sua timidez. Mas aí, percebo o quanto você era só pretexto e ponto de partida para aquele encontro. Diziam falar de você enquanto eles falavam deles mesmos e de mim. É um povo sabido e curioso. Essa coisa de documental é um desses conceitos que só servem para tentar agarrar essa experiência de busca e peregrinação pela sua história. Como dizia Jean-Luc Goddard “eu comecei uma ficção e descobri o real e por trás do real encontro uma nova ficção”. Eles fizeram o mesmo, no meio do caminho encontraram você e seguiram contando a própria história. Ou seria o contrário? De toda forma, a cena escapa do domínio do real ou da ficção, supera esses conceitos. Não se trata do que aconteceu, mas do que está acontecendo no enfrentamento de você comigo e com eles. Jacy, desejo que da próxima vez eu lhe reconheça ainda mais inverossímil de tanta realidade. Espero reencontrar a sua frasqueira depois dela ter percorrido muitos outros lugares. Desejo que os seus objetos ganhem novos adjetivos. Até breve, Ana Carolina M.

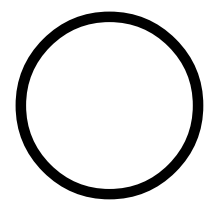
FOTO: DANIEL TORRES

TEXTO
PABLO CAPISTRANO E
IRACEMA MACEDO

DRAMATURGIA
PABLO CAPISTRANO E
HENRIQUE FONTES

DIREÇÃO
HENRIQUE FONTES

ELENCO
QUITÉRIA KELLY,
HENRIQUE FONTES E
PEDRO FIUZA



atrito é a resistência que um corpo oferece a outro quando em contato. Existe em todo atrito uma possibilidade de revolução, existe um limite que ultrapassado, faz um dos

corpos alterar seu movimento e gerar novas realidades. Sobre o corpo, atua-se sempre essa resistência. Permanecer ou alterar? Tendo, porém, um limite definido, o corpo não tem escolha depois que esse limite é ultrapassado. O corpo sustenta a permanência, até o instante em que não suporta e se altera em virtude da presença de um outro corpo. Em Fricção, esse atrito, porém, acontece entre dois meios de um mesmo corpo: o interno que pulsa e tenciona os órgãos e o externo que aparentemente se configura com uma paz. Existe aí uma questão. Os estímulos que impulsionam aquele corpo são internos, partem da performer para chegar até ela. Mas como surpreender o corpo quando é ele mesmo que se auto-estimula? Como sensibilizá-lo? Como provocar espanto? Como não se autossabotar? É possível resistir a si? A cena se configura como um estudo da performer. Vemos ela buscando provocar estados, criando partituras e imagens. Porém, é com o argumento da dança e com a entrevista de Isaura Tupiniquim no caderno do Festival, que o diálogo se estabelece. Sugiro adensar na imagem que a performer nos provoca: enfiar o dedo no umbigo, adentrar-se para, quem sabe, encontrar o avesso. Tenho pensado bastante sobre a necessidade que algumas obras apresentam de acontecer na soma de partes que a constitui, podendo ser uma conversa, uma instalação, uma exposição, uma outra

cena, enfim. Não em busca de explicações e justificativas, pelo contrário, no sentido de somar à experiência o seu processo de construção e as inquietações que pulsam nos criadores, somar àquela parte outras partículas que alimentam aquele trabalho. Nesse caso, quando presenciamos apenas uma das partes que constitui a obra, temos uma experiência singular, que se encerra ali ou gera curiosidade para se adensar. Quando experienciamos as outras, começamos a aprofundar o olhar, em virtude das relações que se estabelecem e que se contradizem. Muitas vezes, por exemplo, o argumento é tão ou mais interessante que a própria obra e gera tanto mais inquietação que ela mesma. E talvez seja o caso de assumir essa característica. No caso de Fricção, existe o desejo e o interesse em aproximar duas experiências, o erotismo e a guerra (uma aproximação que não me parece óbvia e que me gera profunda curiosidade), porém essa fricção não fica clara em cena, o que dificulta o diálogo e a percepção dessa relação. Como em outras obras, essa se apresenta para mim como uma parte de um todo que a constitui e, por isso, sinto a necessidade e o desejo em aproximar a obra ao processo de criação, aproximar o espectador à performer, aproximar a cena à pesquisa, quase como um processo formativo. Assumir as partes que constituem uma obra é também um ato de resistência. Construir e assumir essas partes é oferecer ao espectador a possibilidade de fricção. Cabe a ele atritar as partes e gerar faíscas. Se há faíscas, há luz, se há luz, há diálogo.

FOTO: ROGÉRIO ALVES

CONCEPÇÃO
ISAURA TUPINIQUEIM E
WASHINGTON DRUMMOND
DIREÇÃO, PERFORMANCE
E CENOGRAFIA
ISAURA TUPINIQUEIM
TRILHA SONORA
LÍVIA DRUMMOND
E THULIO GUZMAN



FRICÇÃO



CONCEPÇÃO, TEXTO
E DIREÇÃO
LUIZ ANTÔNIO JR.
E THIAGO ROMERO

ELENCO
ANDERSON DANTTAS,
EDDY VERÍSSIMO, ISRAEL
BARRETTO, LUIZ ANTÔNIO
JR., LUIZ BURANGA E
ROGUILDES JUNIOR

FOTO: GIUSEPPE ROCA

Estamos todos dispostos em corredor. Nesse lugar de passagem, que já anuncia pela própria existência que dois lugares são conectados, inscreve-se o espetáculo. Nele, se conectam os 10 anos atravessados pelo grupo e o futuro cheio de desejos e sonhos. Ficamos ali como de espreita percebendo o tempo se desenrolar na nossa frente. Como se fôssemos um rodapé da parede que percebe o fluxo daqueles que vêm e vão e que nunca param no corredor, que nunca permanecem no meio do fluxo. Mas, afinal, toda existência não é apenas esse meio do caminho? Todos nascem no meio de uma história que já se desenrola e todos se vão deixando a história seguir. A existência, então, se dá no corredor, nesse espaço entre. Essa noção do início e do fim é um pouco abstrata, pois. A história segue com o rastro daqueles que foram, caso tenham pisado. Ou segue apenas porque já não há outra possibilidade senão o seguir. Buscando resgatar aquilo que lhes acrescenta e atribuir sentido à trajetória, os atores mergulham nas memórias, nos acontecimentos passados e nos desejos para o futuro. Talvez seja esse desejo desenfreado em tornar-se lembrança e posteridade que faz com que desejemos deixar alguma coisa no outro, que faz com que a gente tente resgatar o que do outro ficou na gente. Mas será mesmo que alguma coisa desse texto ficará em você? Será mesmo que existirão ao menos leitores? De qualquer forma, essa busca oferece uma possi-

bilidade para resistir. O que de você ficou em mim mergulha nas memórias para entender a trajetória da superfície. E é através do afeto como uma força coletiva que ficamos nós, espectadores, absortos naquele corredor. Espremidos nas paredes vendo a vida ser rebobinada ao mesmo tempo em que os novos acontecimentos se desenrolam. Através desses bons encontros, como nos diz Espinosa, é possível se estabelecer paixões alegres, capazes de potencializar o agir, de movimentar o sujeito, de reverberar no entorno essa pulsão. Através desse afeto, os atores encontram a força que move a continuidade, a justificativa para os dez anos já vividos. Todos nós somos frutos do que restou, do que resistiu, do que adensou, do que decantou depois de muito tempo e se saturou no fundo do copo. E aí, pensei sobre como o artista se aproxima de um coveiro. Habita em ambos uma verdade indesejável, eles mexem no resto do mundo, no conteúdo indesejado, como também, conseguem ambos exumar, tirar algo do esquecimento. E por isso o artista se aproxima de um coveiro e não de um legista, o coveiro, como o artista, não diagnostica, não justifica, não explica, é apenas meio e suporte para a redescoberta e para a dúvida. Enfim. O que de você ficou em mim ficará por algum tempo ainda. Mas que não nos massacremos com a posteridade. Mesmo que ele não fique por mais de alguns segundos em mim, ele existiu. E, diante da existência, não temos como ignorá-la.

Somos recebidos numa sala de jantar, os lustres no teto nos indicam que ali desejaria ser um salão nobre, a quantidade de talheres e taças apontam o refinamento do encontro. E L. nos recebe com tamanha gentileza, que me sinto bem-vinda e desejada. Cada cadeira está marcada para o convidado com suas iniciais. A minha, tinha A.C.M (Ana Carolina Marinho) e quando cheguei, todos já estavam à espera de quem poderia ser essa sigla. Ser ACM na Bahia carrega um peso histórico e não é tão conveniente. Sento. Ouço L. contar sobre a sua história como se fôssemos amigas de longa data. Entre a sopa, a entrada, o prato principal, a sobremesa, o champanhe e o vinho, rimos e deglutimos com L. que quer apenas nos servir bem, deseja apenas que saíamos satisfeitos. E saímos. O jantar é agradável, íntimo e acolhedor. Tudo muito saboroso. Comer, assim como em A arte de matar galinhas porém ainda mais potencializado, é um ato de comunhão. Entre brindes, nos tornávamos íntimos. Mastigávamos e deglutíamos juntos, compartilhando olhares e sorrisos. E aí, ouço L. fazer vários comentários sobre a história do país que revelam um pensamento opressor. Filha de um general que participou do golpe (pra ela chamado de revolução), L. falava em defesa da ditadura militar e da manutenção de políticas ostensivas e violentas. Na verdade, não sei muito bem sobre o que ela falou. A comida estava realmente muito saborosa e o prato principal tinha acabado de chegar nessa hora. L. falava sobre sua família e se mostrava à frente de seu tempo, era

uma mulher ao mesmo tempo revolucionária e reacionária. Posso mesmo dizer isso de L.? Mas sobre o que L. falava, mesmo? Estávamos realmente conquistados por aqueles pratos, por aquele sorriso largo de L. e pelo seu acolhimento. L. foi uma das melhores anfitriãs que conheci. E ai, hoje, quando sento para escrever sobre aquele encontro na sua sala de jantar, percebo uma relação entre o apetite e a dominação. Brecht já dizia que antes da moral, vem o estômago. Mas e a gula precede o quê? Pensei no quanto todos nós que ali estávamos não concordávamos com algumas das coisas que eram ditas, mas não nos engajávamos para fazer notar nossa insatisfação e incômodo. Estávamos realmente muito confortáveis e satisfeitos com o jantar. Talvez nos mantivéssemos críticos e distanciados se estivéssemos com a “barriga cheia”. Se não fosse 22h e eu não tivesse comido apenas às 15h, talvez eu não comeria, como num gesto de desagrado e protesto, para não compactuar com aquilo que era dito. Mas será mesmo? Que relação é esse entre humor e saciedade? “Conquistar alguém pela barriga” não é dito popular? Alguma coisa acontecia naquele encontro que fazia com que importasse mais a forma do discurso do que o próprio discurso. O que nos acontece quando estimulam o nosso apetite e o saciam? É possível manter-se crítico diante daquele que lhe serve quando se come com muito prazer? L.Recebe integra um projeto que busca investigar a relação entre uma experiência cênica e gastronômica. Ta ai, “pão e circo” já anunciava o quanto catártica e perigosa essa relação pode ser.

FOTO MARCIO LIMA



TEXTO E CONCEPÇÃO
JACYAN CASTILHO
DIREÇÃO E ATUAÇÃO
JACYAN CASTILHO
TRILHA SONORA E
MÚSICA AO VIVO
JÚLIO DE OLIVEIRA

L. RECEBE



CONCEPÇÃO, DIREÇÃO
E PERFORMANCE
ETIENNE MANCEAU
PRODUÇÃO
CIE. SACEKRIPA

FOTO ALEXIS DORE

Vi acontece entre o momento de servir o chá na caneca e levá-lo até a boca. Nesse instante se apresenta um universo de possibilidades. Como se os segundos fossem fracionados em pedaços ainda menores, mas fosse possível enxergar eles passarem e desejar para que não corram tanto. Aquele personagem, diante de nossos olhos, devolve paixão e aventura à vida cotidiana. Reestabelece o pacto entre o espectador e o teatro. Faz com que todos nós caminhemos juntos, com que torçamos para que cada pequena aventura dê certo e rimos da crueldade que rodeia a relação que se estabelece entre aquele homem e as crianças que o observam. Vi é ao mesmo tempo respiro e profundidade. Somos tragados num mergulho silencioso. À medida em que adensamos, encontramos um caminho distante daquele a que somos acometidos diariamente, aqui, a lógica é contrária ao rendimento e à produtividade. O ponto de partida e o de chegada não se alteram e são apenas contexto, o caminho que se escreve nesse espaço é que subverte a nossa expectativa. Entre servir o chá e bebê-lo, não se prioriza a rapidez tampouco o desempenho, mas o risco, a aventura e o prazer que esse instante pode provocar. O espetáculo é a síntese de um entreato. Nenhuma daquelas ações foram feitas ali pela primeira vez e, com certeza, continuarão a serem praticadas, já que voltar àquele lugar fez aquele homem se aperfeiçoar nesses pequenos desafios. Estar só sentado àquela mesa fez dele um homem cheio de micro-planos mirabolantes. Quantas vezes ele jogou aquele cubinho de açúcar para descobrir a angulação e a distância ideal para acertar a caneca? Quantas vezes ele bateu a mão na mesa para descobrir a força necessária para derrubar a colher? A ver pela criança que quando solicitada a fazer o mesmo gesto se demora. Mas não há pressa! O espetáculo é como uma ode à lentidão, que supera as precipitações diárias. Aquele

homem alarga o tempo, nos oferece uma realidade matemática, objetiva, concreta e completamente inverossível. Não há expectativas, porque não se espera nada, porém, há um espanto típico de quando se percebe, enfim, algo que sempre esteve ali. Não há nada para ser visto, pois, senão ver o tempo passar. E quanta delicadeza há nessa espera! É como desenhar num pedacinho de papel enquanto se fala ao telefone (quem nunca fez isso?) e ao desligar, perceber que o mundo inteiro coube ali, naquele pedacinho de papel. Aquele personagem não solicita a nossa atenção, pelo contrário, parece nos dizer “volto já” enquanto deseja sair dali e fazer o que realmente lhe interessa, entregar-se à improdutividade. Um personagem que parece querer fechar a porta do quarto para se devolver ao ócio, do qual nunca desejou ter saído. Ele desautomatiza a percepção rotineira do mundo ao instaurar uma prática lúdica, ao oferecer tempo para que as possibilidades se criem, ao esgarçar a improdutividade para que se ame, ao libertar os objetos da utilidade que fez eles nascerem. Saio tão espantada pelo que vi, que tenho certeza que o espetáculo aconteceu durante a iminência de um piscar de olhos, em que preferi manter os olhos bem abertos para não deixar escapar nenhum instante. Mas essa é a perspectiva de quem vê e se espanta com tanto cuidado atribuído às inutilidades. Espanto-me porque reconheço minhas parcelas de obsessões e por que sinto um certo prazer em vê-lo tomado pelas suas. E nisso existe um grau de crueldade que se reproduz na quebra de expectativa e na não satisfação dos desejos das crianças-espectadores. Rimos quando eles não são mimados. Estamos todos absortos nesse instante em que não se tem nada a dizer, em que não se deseja chegar em lugar nenhum, apenas compartilhar as presenças e passar o tempo juntos. Parece até que falo do amor...

Algaravias - O marujeiro da lua aconteceu no Centro Cultural da Barroquinha, uma antiga igreja que mantém a fachada, mas se tornou um centro cultural. Esse espaço por si abriga uma complexidade e uma potência próprias. Tudo que acontecer ali entra em contradição com a antiga vida daquele lugar. Toda farsa, toda mentira contada, toda verdade inventada, todo ritual, toda nudez e todo sincretismo habitam aquele lugar com ainda mais força. Habitar aquele espaço é como ver de dentro do abrigo do útero da mãe a penetração do sêmen a cada nova ejaculação e bebê-lo. Existe uma contradição necessária. E para o espetáculo, combustível altamente inflamável. O canto de igreja costuma ser uníssono, uma só voz clamando um só Deus. Mas Algaravias rompe com essa lógica. Instaura uma polifonia walyzada. Vozes que coexistem com os microfones, com a guitarra, com a memória, com o terreiro, com as presenças e com aquela antiga igreja. Aquele exército nos conduz para as entranhas de uma vida sem subordinações. As cenas se incendeiam e se apagam pela força da própria existência. O único rigor necessário talvez seja a sinceridade com esse fogo. Que ele queime apenas quando haja combustível. Velas elétricas não soam bem! Mais explosivos são aqueles corpos do que aqueles vídeos. Os vídeos são regalinhas que pingam água sobre a lareira. Mas não há espaço pra lareira aqui, o que temos é fogo selvagem, fogo de chão que brota nas paredes. Fogo que queima a pele daqueles jovens, mas eles resistem. Na verdade, eles gostam, alimentam com mais oxigênio e se regozijam. Waly Salomão é incêndio. Interessa o que dizem sobre o fogo? Enquanto se ouve os detalhes, o fogo tá estralando, nem ele tem ouvidos. Aquela constante fome de finalmente ser exposto, ser visto por dentro conduz aquele encontro. Mas nessa alteridade reside uma dificuldade em

reconhecer no outro aquilo que eu desconheço, um paradoxo completo, tendo em vista que costumamos sublinhar aquilo que nos diz respeito, decifrar aquilo que já sabemos e nos espantar quando algo reforça uma dúvida, uma reflexão ou um conceito do qual já estamos inseridos. Tal como um jogo, em que tendo jogado muitas vezes e com os mesmos jogadores, conhecemos os caminhos possíveis e nos excitamos apenas pelo seu desenrolar, não haverá descontrole, o jogo prevê inclusive isso. É possível, realmente, existir improvisado? É possível zerar a bula? O que aconteceu nessa apresentação é realmente muito diferente do que acontecerá na próxima? Muitas vezes somos seduzidos por ideias sensuais, atentemos. É preciso, então, subverter o jogo? Como se livrar de hábitos cognitivos? Como convocar o público a existir naquele espaço? Como alterar radicalmente a percepção? Convocam a gente a utilizar itens que estão dentro de sacolinhas que recebemos. Itens que sugerem uma coparticipação nossa. Mas não se estabelece tomadas de atitude. Não há distância entre utilizar a rede e o filó, por exemplo. Quando eu era convocada a olhar pela rede|filó, eu direcionava o olhar para o público e não para o vídeo (já que esse não se alterava em nada e ignorava minha mudança), era o público que se modificava - com as redes|filós no rosto nos parecíamos com os performers, estávamos todos com os rostos vermelhos. Bom, trabalhar com as presenças é também assumir a possibilidade de esvaziamento, de esgotamento, de fim. Como suportar a vaziez? De toda forma, aquele encontro foi sedutor. O que existe na água de Jequié? Como nasce tantos artistas com tamanha lucidez perturbadora de olhares mísseis e não fósseis? Sem dúvida, esse sertão é o da fibra ótica.

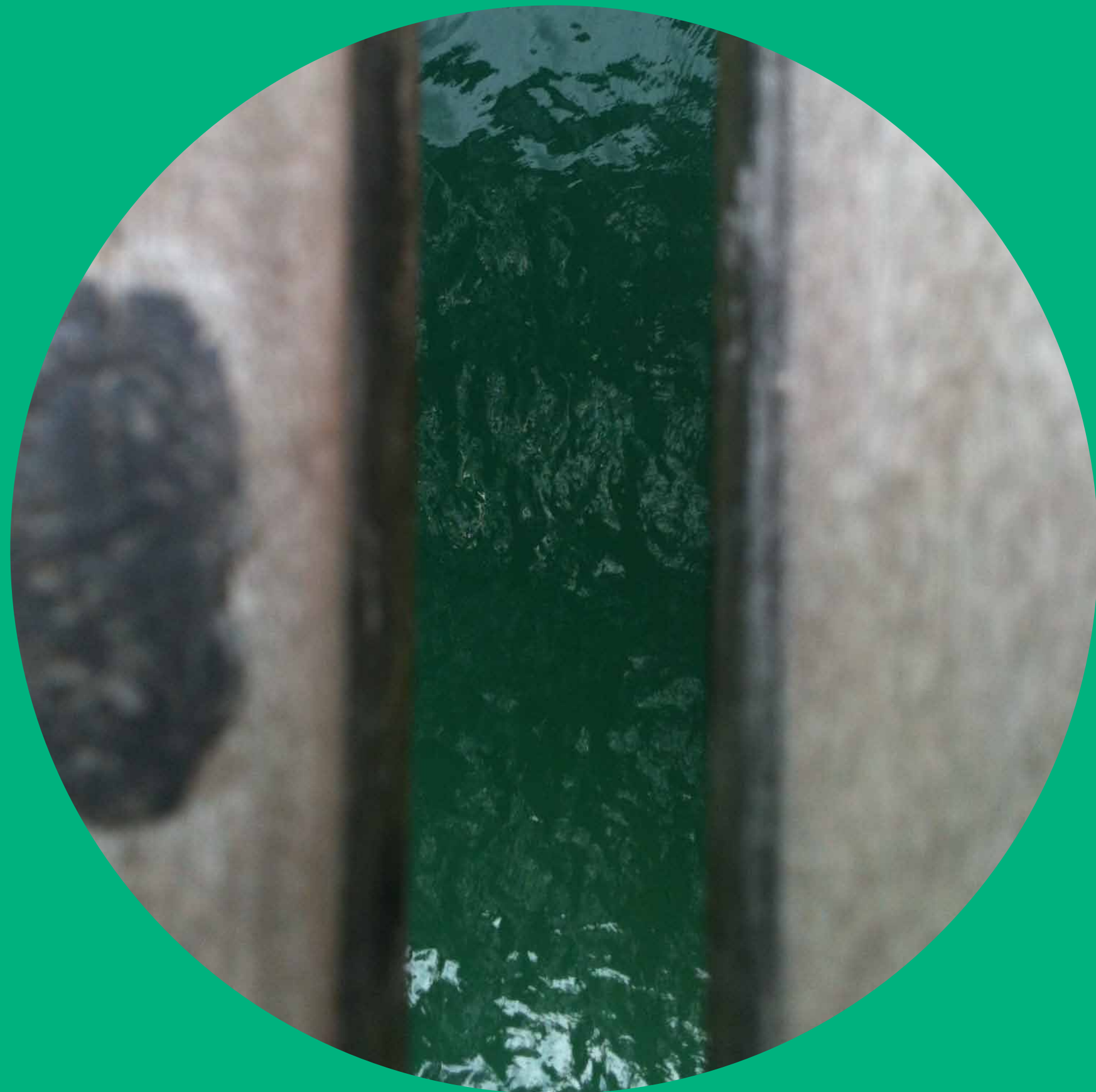
**CONCEPÇÃO, DIREÇÃO,
DESENHO DE LUZ**
ROBERTO DE ABREU SCHETTINI

ELENCO
ROBERTO DE ABREU
SCHETTINI, THIANA BARBOSA,
YANN SCHETTINI, JOMIR
OLIVEIRA, EMANUELLE
NASCIMENTO, MATHEUS
XAVIER, MYLENA OLIVEIRA,
SILVANA RIBAS, PYTER
RODRIGUES



FOTO: LEONARDO PASTOR



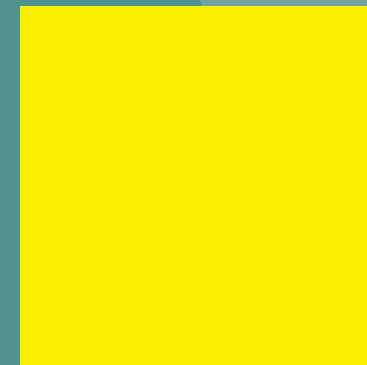


SOBRE MEDIAÇÃO E CURADORIA

Durante o Festival, aconteceu o I Seminário Internacional de Curadoria e Mediação em Artes Cênicas, disposto a provocar o olhar sobre a mediação e a curadoria. Acho tão relevante estimular essa discussão, pensar em como essas práticas se conversam e como elas podem e devem impulsionar a fruição e gerar multiplicadores. Como não fazer do museu um lugar avarento? Como não fossilizar as obras de arte? Como compreender o percurso da curadoria e da mediação na feitura de um projeto? Foram perguntas que me fiz durante as conversas. Da outra vez em que vim ao Festival soube do projeto de Mediação que eles realizam durante o ano e que se caracteriza como uma atividade formativa, capaz de espalhar pela cidade gente disposta e curiosa por assistir e refletir sobre as práticas artísticas. De todo modo, é preciso pensar em estratégias e mecanismos para pensar se os festivais e os centros culturais estão dialogando com as demandas, com as necessidades e com as mudanças de cada local e o primeiro passo é, sem dúvida, abrir esse diálogo com os fruidores. A arte é mediação, pois não? Como construir estratégias de aproximação entre o espaço e o público, entre a obra

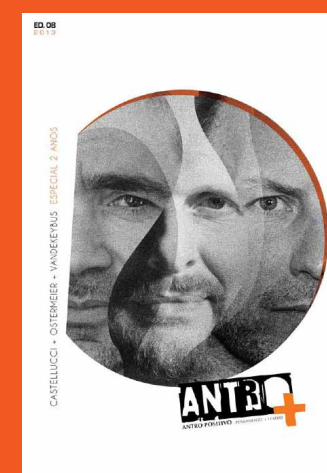
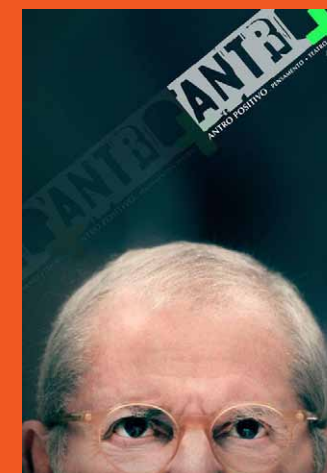
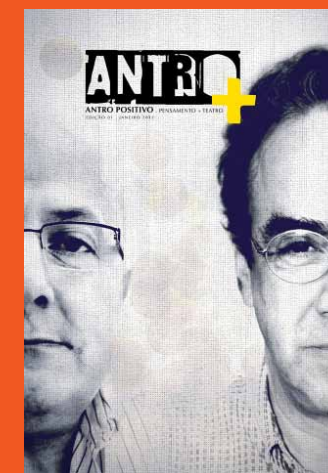
e o espectador? Talvez a discussão já nem seja a necessidade de teatro de rua, mas se aponta para a afirmação de teatros na rua e da rua nos teatros. Seguindo por aí, encontro pontos de convergência com essa realidade que o “teatro documental” nos traz. E esse boom em processos criativos desenvolvidos a partir de autobiografias (mas o que não é autobiográfico, precisamente será biográfico, não?) parece apontar para uma busca e uma qualidade de aproximação. Em certa medida, esse teatro sobre e da vida real trata de uma urgência que é mais próxima daquela urgência da vida cotidiana. O que tem trazido novos espectadores. Inclusive nessa edição do FIAC, algumas obras como Jacy, O que de você ficou em mim, Melancolia e Manifestaciones apontam para essa construção desse diálogo. Como se falando de mim e dele, falaremos sobre nós. Como nos diz Jacques Rancière “Trata-se de pensar a proximidade da arte com todas as formas que se traduz a afirmação de uma capacidade para a partilha ou de uma capacidade partilhável.” E, nesse sentido, precisa-se estimular a capacidade de partilha, para que as obras de arte e os espaços precisem, efetivamente, do outro para existirem.





REVISTA 'ANTRO+'

para receber
a **ANTRO +**
para download,
envie um email
com o assunto
+ EU
para o endereço
antropositivo@gmail.com



VOCÊ ENTRA PARA O NOSSO MAILLING E RECEBE UM EMAIL COM UM LINK PARA BAIXAR A EDIÇÃO ATUAL.
A REVISTA É LIBERADA PARA DOWNLOAD SEMPRE DEPOIS DA PRIMEIRA QUINZENA DE LANÇAMENTO.

SOBRE O FIAC

A sétima edição FIAC acontece em de 24 de outubro a 02 de novembro, em Salvador e Madre de Deus, com mostra artística e atividades paralelas que se distribuem por vários espaços, teatros, casas de espetáculos, centros culturais, lugares não tradicionais e vias públicas, que se tornam palco para encenações inovadoras e de múltiplas linguagens. Em 2014, o evento traz 31 criações de quatro países além do Brasil: França, Espanha, Chile e Argentina. Da cena brasileira, o FIAC apresenta produções dos estados do Piauí, Rio Grande do Norte, Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia. A mostra baiana traz doze projetos, de criadores de diferentes gerações e trajetórias, cujos trabalhos buscam responder de modos singulares às inquietações dos artistas e às implicações de produção no contexto local.



NOSSOS AGRADECIMENTOS AOS QUE, DE ALGUMA FORMA,
TORNAM O TEATRO A POSSIBILIDADE DE ALGO CONCRETO PARA TODOS.

ESPECIAL
'ANTRO+